

Ressignificando a prática de análise linguística pela ótica dos estudos Bakhtinianos

Resignifying the linguistic analysis practice through Bakhtinian studies

Lays Maynara Favero Fenilli

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Terezinha da Conceição Costa-Hübes

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Resumo: Neste artigo, buscamos resignificar a Prática de Análise Linguística de base geraldiana, balizando-a pela teoria do Círculo de Bakhtin e por outros estudiosos da PAL de base dialógica. Trata-se de um estudo ancorado na Linguística Aplicada, a partir do qual tecemos reflexões teórico-metodológicas para subsidiar seu encaminhamento na sala de aula. Os resultados apontam que a PAL de base dialógica parte de reflexões sobre o contexto extraverbal das enunciações, avançando para as marcas estilísticas, sem perder de vista aspectos valorativos e discursivos dos textos-enunciados, o que possibilita a ampliação da capacidade dos alunos de ler, escrever e interpretar criticamente textos.

Palavras-chave: Prática de análise linguística de base dialógica; Concepção dialógica de linguagem; Ensino de língua portuguesa

Abstract: This paper aims to resignify the Linguistic Analysis Practice (LAP) based on the studies of Geraldi, grounding it in Bakhtin's Circle theory, among other researchers of the dialogical LAP. It is a study inserted in the Applied Linguistics field, in which we develop theoretical-methodological reflections to support this practice in Portuguese Language classes. The results show that the dialogical LAP needs to be developed considering first the extraverbal context of utterances, towards their stylistic aspects, so that the reflections may approach axiological and discursive aspects of the texts-utterances, which can broaden students' ability to read, write and critically interpret texts.

Keywords: Dialogic linguistic analysis practice; Dialogic concept of language; Portuguese language teaching

Considerações iniciais

A expressão “Prática de Análise Linguística” (doravante, PAL) foi cunhada por Geraldi (1984¹, 1991) e Franchi (2006[1988]) e corresponde a uma abordagem de ensino com o intuito de ampliar/repensar a forma de trabalho com a língua² que, naquele contexto, focava apenas em seus aspectos formais. Os autores conceberam a PAL ancorados em uma concepção interacionista de linguagem, o que culminou em uma proposta de ensino da língua para a interação.

Com o passar dos anos, essa prática ganhou reconhecimento como um dos eixos de ensino de LP e passou a ser incorporada em documentos parametrizadores (PARANÁ, 1990; 2008; BRASIL, 1998; 2018), o que fez com que passasse a ser estudada por meio de diversos vieses teóricos, visto que seus idealizadores não a calcaram em nenhuma teoria específica.

Entretanto, estudiosos contemporâneos dos escritos do Círculo de Bakhtin³ têm encontrado confluências entre a proposição da PAL e a compreensão de língua defendida pela concepção dialógica de linguagem, gerando, atualmente, uma busca pela ressignificação da proposta de Geraldi (1984, 1991) e Franchi (2006[1988]). Inseridas em tal estudos, buscamos, neste artigo, contribuir para tal ressignificação, ancorando-nos nos seguintes questionamentos: como ressignificar a orientação teórico-metodológica de PAL, sustentando-a em uma base dialógica? Como o método sociológico de Volóchinov (2017[1929]) pode contribuir para essa ressignificação?

Para responder a tais perguntas, buscamos respaldo no método sociológico proposto por Volóchinov (2017[1929]) e em outras obras do Círculo (BAKHTIN, 2002[1975]; 2010[1929]; 2013[1997]; 2016[1979]; VOLÓCHINOV; BAKHTIN, 1926). Ademais, recorreremos a estudiosos contemporâneos que se dedicam a tais reflexões, como: Acosta Pereira (2013, 2016, 2018), Polato (2017), Santos-Clerisi (2017), Acosta Pereira e Costa-Hübes (2021a, 2021b)⁴, dentre outros. Este estudo ancora-se na Linguística Aplicada (MOITA-LOPES, 2006), a partir do qual tecemos reflexões teórico-metodológicas para subsidiar o encaminhamento da PAL de base dialógica na sala de aula.

Na primeira seção, apresentamos reflexões sobre o método sociológico e suas implicações para uma PAL de base dialógica. Na segunda seção, refletimos sobre como esses conceitos se imbricam na ressignificação da PAL. E, por fim, apresentamos nossas considerações finais de forma a delinear os aspectos que podem configurar a PAL dialógica.

1 A obra *O texto na sala de aula*, organizada por Geraldi, apresenta uma coletânea de textos que visam promover reflexões sobre o ensino da Língua Portuguesa. Interessa-nos, para este artigo, referenciar os textos “Unidades básicas do ensino de português”, “Concepções de linguagem e ensino de português” e “Prática da leitura de textos na escola”, todos de autoria de Geraldi. Assim, sempre indicarmos a obra, estaremos mencionando um desses textos.

2 Neste texto, não faremos distinção entre os termos *língua* e *linguagem*, que serão aqui usados de forma intercambiável, de acordo com a abordagem dialógica de linguagem.

3 O termo “Círculo de Bakhtin” tem sido usado, segundo Faraco (2009), para denominar um grupo multidisciplinar de intelectuais russos que se reuniam regularmente de 1919 a 1929 para refletir sobre diversos conceitos. O grupo era composto por Matvei I. Kagan, Ivan I. Kanaev, Maria V. Yudina, Lev V. Pumpianski, Mikhail M. Bakhtin, Valentin N. Voloshinov e Pavel N. Medvedev.

4 Estes textos encontram-se disponíveis na obra organizada pelos mesmos autores - ACOSTA PEREIRA, Rodrigo; COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição. **Prática de análise linguística nas aulas de Língua Portuguesa**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021 - na qual encontram-se importantes reflexões de diferentes estudiosos sobre a PAL de base dialógica. A obra pode ser baixada gratuitamente no site da Editora. (<https://pedrojoaoeditores.com.br/produto/pratica-de-analise-linguistica-nas-aulas-de-lingua-portuguesa/>)

Método sociológico: contribuições teórico-metodológicas para a PAL

As discussões apresentadas nos escritos do Círculo de Bakhtin são bastante ricas. Os conceitos cunhados pelos teóricos russos, integrantes desse grupo, são férteis e podem servir de base para diversas áreas do conhecimento, sob diferentes abordagens. Assumimos, neste artigo, o desafio de estabelecer relações especialmente entre as reflexões apresentadas por Volóchinov (2017[1929]) sobre o método sociológico, com o propósito de trabalho com a PAL no ensino de LP.

É importante compreendermos que os integrantes do Círculo não tiveram, a princípio, o intuito em escrever precisamente sobre o ensino de línguas. As reflexões que empreenderam inicialmente eram de base teórico-filosófica e, em alguns momentos, metodológica. Todavia, ao analisar seus escritos, alguns estudiosos da linguagem (ACOSTA-PEREIRA, 2013; 2016; 2018; SANTOS-CLERISI, 2017; COSTA-HÜBES, 2017; POLATO, 2017; POLATO; MENEGASSI, 2018; FENILLI, 2020; ACOSTA PEREIRA; COSTA-HÜBES, 2021a, 2021b; OHUSCHI; MENEGASSI, 2021, dentre outros) vêm percebendo como tal teoria pode enriquecer os debates de um tema que, à época, não foi explorado, como, por exemplo, a PAL.

Em suas reflexões, Volóchinov (2017[1929]), quando trata do estudo da língua, defende que há dois caminhos (complementares) para sua efetivação: a língua pode ser estudada sob o ângulo de sua estrutura formal, sistêmica e abstrata ou sob o ângulo da enunciação. Neste último caso, segundo Acosta Pereira e Costa-Hübes (2021a), prima-se pelo estudo da “unidade enunciativa, discursiva, concreta” (ACOSTA PEREIRA e COSTA-HÜBES, 2021a, p.112), ancorado no reconhecimento do caráter social e contextualizado do uso da língua.

Corroborando as ideias de Volóchinov, Bakhtin (2010[1929]) se propõe a pensar em uma disciplina que pudesse embasar esse estudo enunciativo e discursivo da língua, visto que, a seu ver, isso não estaria garantido na Linguística que se fazia na época. Por isso, idealizou uma disciplina nova que pudesse transpor os limites puramente linguísticos do texto-enunciado, avançando para além dos aspectos formais, e que tivesse o discurso como mote condutor dos estudos. A essa disciplina denominou de Translingüística⁵:

nossas análises [...] podem ser situadas na metalingüística, subentendendo-a como um estudo [...] daqueles aspectos da vida do discurso que ultrapassam – de modo absolutamente legítimo – os limites da linguística. As pesquisas metalingüísticas, evidentemente, não podem ignorar a linguística e devem aplicar seus resultados. A linguística e a metalingüística estudam um mesmo fenômeno concreto, muito complexo e multifacético – o discurso –, mas estudam sobre diferentes aspectos e diferentes ângulos de visão (BAKHTIN, 2010[1929], p. 207).

A Translingüística apresentada por Bakhtin destaca-se como uma proposta teórica para estudo da língua, sob um paradigma discursivo e concreto, mas que não contempla, de forma clara, aspectos metodológicos de como fazer tais análises. Por essa razão, a ordem metodológica sistematizada por Volóchinov (2017[1929]) pode apresentar um possível caminho para que esse

5 Apesar de a tradução trazer, para esse conceito, a palavra “metalingüística”, utilizamos aqui o termo “translingüística” para evitar confusões com o termo “metalingüística” como compreendido por Gerdali (1991).

estudo efetivamente se concretize, sem perder o ângulo da enunciação. Nessa perspectiva, o autor orienta que, no estudo da língua, deve-se considerar:

- 1) formas e tipos de interação discursiva em sua relação com as condições concretas; 2) formas dos enunciados ou discursos verbais singulares em relação estreita com a interação da qual são parte, isto é, os gêneros dos discursos verbais determinados pela interação discursiva na vida e na criação ideológica; 3) partindo disso, revisão das formas da língua em sua concepção linguística habitual (VOLÓCHINOV, 2017[1929], p. 220).

Nessa ordem, o contexto histórico, ideológico e social (“condições concretas”) dos enunciados tem primazia no estudo da língua(gem), já que são esses elementos que trarão a vida para a forma linguística/semiótica de um texto-enunciado; são eles que determinarão as possibilidades de sentido ali impressas e que definirão, de forma única, o tema dessa enunciação. Nas palavras de Acosta Pereira e Costa-Hübes (2021a), “por ser social e comportar discursos, o centro organizador do enunciado localiza-se no extraverbal, o que implica dizer que, se queremos estudá-lo/compreendê-lo, devemos partir de seu contexto de produção” (ACOSTA PEREIRA e COSTA-HÜBES, 2021a, p.121-122), ou, conforme Bakhtin (2016[1979]), devemos, antes de tudo, procurar conhecer a natureza do enunciado:

o estudo da natureza do enunciado e da diversidade de formas de gênero dos enunciados nos diversos campos de atividade humana é de enorme importância para quase todos os campos da linguística e da filologia. Porque todo trabalho de investigação de um material linguístico concreto – seja de história da língua, de gramática normativa, de confecção de toda espécie de dicionários ou de estilísticas da língua, etc. – opera inevitavelmente com enunciados concretos [...] (BAKHTIN, 2016[1979], p. 16).

Conforme o autor, no estudo do enunciado, é fundamental compreender seu cronotopo (quando e onde foi produzido), o campo de atividade humana no qual se situa, os interlocutores envolvidos, enfim, buscar informações sobre os elementos que integram a dimensão extraverbal (VOLOCHINOV; BAKHTIN, 1926), os quais constituem o enunciado por dentro, moldando-lhe em uma forma típica de gênero do discurso. Desconsiderar esses elementos no estudo da língua materializada em enunciados pode implicar análises puramente sistêmicas e abstratas, uma vez que estaria se perdendo de vista a sua historicidade, a sua relação direta com a vida e, conseqüentemente, a sua dialogicidade.

Este primeiro passo do método sociológico remete, imediatamente e/ou paralelamente, conforme Volóchinov (2017[1929]), para o segundo passo que corresponde ao estudo das “formas dos enunciados”, isto é, dos “gêneros do discurso” que estão intimamente relacionados com o contexto no qual a interação se realiza, pois eles, em conjunto com o contexto, determinam a organização do enunciado. Nesse sentido, Bakhtin (2016[1979]) chama a atenção para a riqueza de gêneros do discurso na representativa diversidade da linguagem humana. É por meio dos gêneros que temos contato com a língua em toda a sua diversidade, uma vez que atuam como “correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem” (BAKHTIN, 2016[1979], p. 20). Os gêneros perpetuam a vida da linguagem.

Por fim, Volóchinov (2017[1929]) orienta para, no terceiro passo, atentarmos para a “revisão das formas da língua” empregadas no texto-enunciado. Nessa etapa do método sociológico, devemos atentar-nos para os recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais (em enunciados verbais); ou cores, figuras, imagens, tamanho de letras etc. (em gêneros multimodais). Esses elementos, por serem precedidos pelas outras etapas, adquirem valorações específicas, já que são pensados em diálogo com o contexto extraverbal. Ao considerarmos a língua(gem) empregada, quando temos conhecimento do contexto de sua enunciação, inferimos uma entonação outra, ampliada pela relação com a situação de interação na qual se encontra inserida.

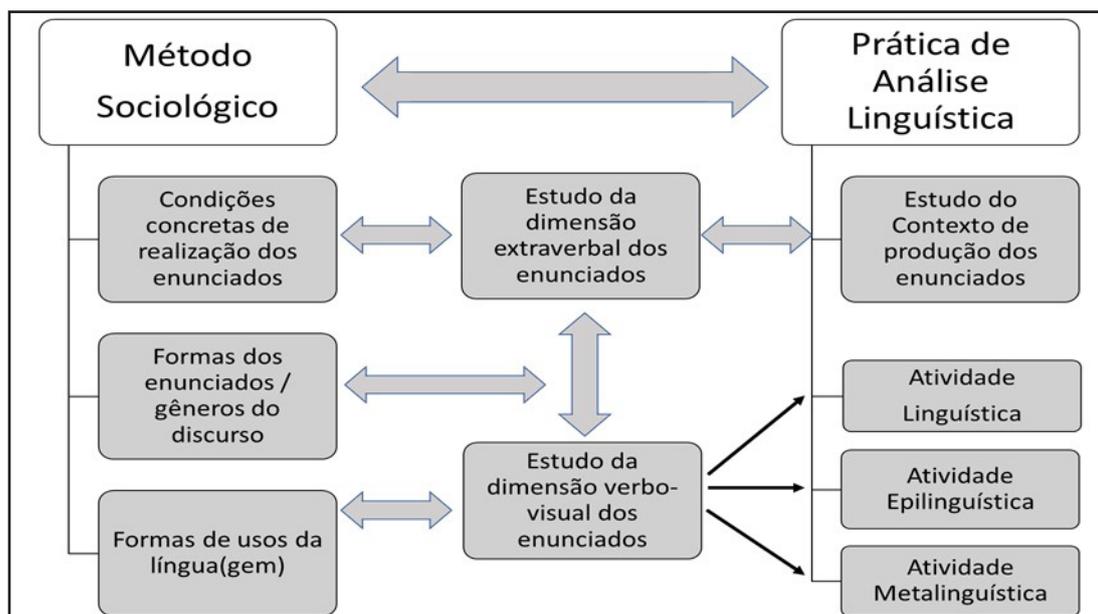
Assim, no estudo de um texto-enunciado, não basta olhar apenas para a sua constituição linguística e/ou semiótica, pois apenas essa análise não garante a compreensão dos valores sociais e ideológicos agenciados pelo autor na organização de seu discurso; precisamos relacionar a seleção/escolha desses elementos com o contexto de produção e refletir sobre como este atua na construção e propagação de discursos, sentidos e valores materializados no texto. Destacamos, assim, “a necessidade de contextualizar todo estudo que envolva a língua, pois qualquer análise/classificação/categorização que a distancie de suas condições de uso, tornam-se casuais e vazias” (ACOSTA PEREIRA e COSTA-HÜBES, 2021a, p.121-126).

Desse modo, consideramos que a língua(gem), compreendida como prática social materializada em um texto-enunciado, precisa ser estudada dentro do seguinte movimento: (i) partir das suas condições concretas de uso na sociedade, ou seja, de seu contexto histórico, social e ideológico, definido por Volochinov e Bakhtin (1926) como dimensão extraverbal; (ii) avançar para contextos mais específicos de interação entre interlocutores, como os gêneros do discurso inseridos em um determinado campo de atividade humana, no qual o enunciado se organiza; (iii) estender para o estudo da dimensão verbo-visual (BRAIT, 2013) do texto, onde se encontram as formas linguísticas/semióticas empregadas em sua produção, procurando perceber os acentos valorativos que impregnam a seleção de tais formas, mas sempre em relação com o extraverbal.

O método sociológico, tal como foi apresentado por Volóchinov (2017[1929]), quando relacionado com o ensino de língua dentro dos estudos dialógicos contemporâneos, pode estabelecer uma orientação teórico-metodológica para a PAL de base dialógica, compreendida, neste estudo, conforme ilustração apresentada na figura a seguir:

Se observarmos essa figura, podemos perceber que o método sociológico vai estar em ligação direta com a PAL de base dialógica por meio, primeiramente, do estudo da dimensão extraverbal (VOLÓCHINOV; BAKHTIN, 1926) dos enunciados que compreende os dois primeiros passos da ordem metodológica já detalhada. Esses passos, didaticamente, implicam no estudo: a) do contexto de produção e circulação dos enunciados; e b) dos gêneros do discurso, levando em conta sua constituição e função enunciativa na sociedade.

Figura 1 – Entrelaçamentos teórico-metodológicos da pesquisa



Fonte: Elaborado pelas autoras

Ao refletir sobre a dimensão extraverbal de um texto-enunciado, parte-se do pressuposto de que, o que está além do linguístico/semiótico é o “solo” que nutre todas as formas de utilização da linguagem. Se pensarmos nessa metáfora de Volóshinov e Bakhtin (1926), compreendemos como tal dimensão é importante para a constituição do enunciado, uma vez que, assim como uma planta, se essas formas forem retiradas desse solo, perdem sua força vital e secam, isto é, perdem sua significação.

Considerar o contexto extraverbal implica entender a dialogicidade de um texto-enunciado, uma vez que “não pode haver enunciado isolado. Ele sempre pressupõe enunciados que o antecedem e que o sucedem. Nenhum enunciado pode ser o primeiro ou o último. Ele é apenas o elo na cadeia, e fora dessa cadeia não pode ser estudado” (BAKHTIN, 2016[1979], p. 26). Assim, os gêneros, como *tipos relativamente estáveis de enunciados*, estão imersos nessa cadeia que é a comunicação discursiva e só existem por causa dela.

Além disso, a parte extraverbal tem relação com seu cronotopo. Bakhtin (2002[1975]) apresenta o conceito de *cronotopo* como uma relação que integra, dialogicamente, o tempo (do grego, *crónos*) e o espaço (do grego, *topos*), estabelecendo confluência entre eles. Desse modo, para o autor, as interações são particularmente inseridas em um espaço físico comum entre os interlocutores (mesmo que presumidamente) e, da mesma forma, em um momento histórico, compartilhado ou não pelos envolvidos no ato da interação. Entendemos, então, que

[...] todo discurso se constitui e funciona sempre entretecido por um tempo e espaço irreiterável que não apenas interfere/regulariza seu(s) sentido(s), mas, sobretudo, o relativamente determina, legitimando experiência, visões de mundo e representações/refrações do ser (FRANCO, ACOSTA PEREIRA e COSTA-HÜBES, 2019, p. 277).

Voloshinov e Bakhtin (1926) sinalizam, no estudo da dimensão extraverbal, para a “avaliação comum” da situação: “qualquer que seja a espécie, o enunciado concreto sempre une os participantes da situação comum como *co-participantes* que conhecem, entendem e avaliam a situação de maneira igual” (VOLOSHINOV; BAKHTIN, 1926, p. 8, grifos dos autores). Esse procedimento tem relação com a valoração que os interlocutores estabelecem para a situação de interação. Cada interlocutor dispõe de uma apreciação valorativa em relação ao objeto do discurso (o tema) e, ao produzir seus enunciados, apresenta uma avaliação comum a fim de que possa estabelecer, no diálogo, suas ênfases apreciativas que podem estar tanto em consonância como em dissonância entre si.

O terceiro passo da ordem metodológica apresentada por Volóchinov (2017[1929]) compreende o estudo da dimensão verbo-visual (BRAIT, 2013) de um texto-enunciado que, didaticamente, em face à PAL (GERALDI, 1984, 1991), corresponde ao seguinte procedimento: a) *atividades linguísticas* (produção/leitura de enunciados concretos); b) *atividades epilinguísticas* (reflexões sobre como os recursos linguísticos/semióticos empregados na constituição do enunciado se organizam/significam na relação com o projeto de dizer do enunciador, com suas valorações e com os sentidos agenciados naquele contexto de uso, dentro da situação de interação); e c) *atividades metalinguísticas* (reflexões mais pontuais sobre as formas e estruturas da língua, considerando a metalinguagem como ferramenta de reflexão sobre a atuação desses recursos na construção de estratégias linguísticas e estilísticas de enunciar discursos).

Para além disso, Costa-Hübes (2017) afirma que, na análise da *dimensão verbo-visual* dos enunciados, “[...] o olhar do pesquisador deve voltar-se para o estudo dos elementos constituintes do gênero discursivo” (COSTA-HÜBES, 2017, p. 560), sendo esses: conteúdo temático, estilo e construção composicional, conforme Bakhtin (2016[1979]). Desse modo, estudar a constituição dos enunciados na sua relação com o gênero do discurso ao qual pertencem e seus elementos constituintes pode pover uma base social e ideológica para o trabalho com a PAL de base dialógica.

PAL de base dialógica e reflexões para uma prática docente

Diante das reflexões já expostas, voltamo-nos, mais especificamente à PAL, nesta seção, considerando-a em face ao método sociológico defendido especialmente por Volóchinov (2017[1929]). Todavia, é preciso deixar claro que o intuito não é afirmar que as obras de Geraldi e Franchi, fundadoras da PAL, não tinham influências da teoria dialógica para o estudo da língua. Pelo contrário, em alguns momentos, tais autores se colocam em diálogo explícito com essa teoria, por vezes de forma referenciada, por vezes de forma interdiscursiva. Entretanto, não tinham o propósito de relacioná-la com uma teoria linguística específica, uma vez que buscaram inspirações filosóficas, teóricas e metodológicas de diversas correntes, com o intuito de estabelecer relações entre o ensino de LP e os estudos da enunciação, conforme os conceitos pertinentes a esse ramo da Linguística.

Neste texto, o que objetivamos, partindo dos textos fundadores (GERALDI, 1984; 1991; FRANCHI, 2006[1988]), é *ressignificar* a PAL à luz da teoria do Círculo de Bakhtin, em diálogo com

outros autores e pesquisares que vêm fazendo parte desse movimento teórico de aproximação. Embora atualmente se tenha diversas pesquisas cujo foco é a PAL na sua relação com os escritos do Círculo, evocaremos, nesta seção, apenas algumas delas para defender nosso entendimento de um ensino dialógico de PAL.

Santos-Clerisi (2017), em sua pesquisa, definiu determinados pontos centrais da teoria do Círculo que precisam ser agenciados na PAL, como, por exemplo, a necessidade de reconhecer: i) a natureza *interacional* da língua(gem); ii) que o sujeito utiliza a língua por meio de *práticas sociais*; iii) que a língua é utilizada por meio de *enunciados concretos* inseridos em contextos sócio-histórico-culturais específicos; iv) que os enunciados são produzidos pelos sujeitos em face do *campo de atividade humana* em que se inserem; v) que cada um desses campos elabora seus respectivos *gêneros do discurso*; vi) que os enunciados propagam *discursos e ideologias* em relações dialógicas; e vii) que todos esses fatores se imbricam e se relacionam dentro da *comunicação discursiva*.

Ao observarmos os pontos elencados pela pesquisadora, percebemos sua preocupação em destacar aspectos que já haviam sido apresentados por Geraldí (1984; 1991). Isso se dá, acreditamos, num movimento discursivo que busca garantir a compreensão de que a base geraldiana da PAL seja mantida, mas que seja ampliada por meio de conceitos importantes da teoria bakhtiniana. Desse modo, corroboramos Santos-Clerisi (2017) com relação à imprescindibilidade de trazer para o contexto esses conceitos, refletindo-os, tanto teórica quanto metodologicamente, como sustentação para a PAL.

Acreditamos que um dos pontos fulcrais do ensino de LP por meio da PAL é, partindo do uso de enunciados reais e de sua materialidade linguística/semiótica (que é o que se apresenta aos interlocutores), adentrar esses enunciados, buscando exatamente compreender o que faz deles enunciados: sua relação com um contexto específico de interação, que evoca aspectos extraverbais como o cronotopo em que se inserem, o(s) enunciator(es), seu(s) projeto(s) de dizer e os discursos acionados.

Assim, poderíamos afirmar que a base sociológica que Volóchinov (2017[1929]) e Volochínov e Bakhtin (1926) defenderam no estudo da língua ganha lugar de destaque nessa PAL, pois se busca o cerne do que faz a língua ser social: a sua inserção na vida, nas relações entre sujeitos sócio-historicamente situados. Esse caráter sociológico, que precisa ser estudado a fundo, não faz com que o aspecto linguístico/semiótico seja esquecido, até porque é pela linguagem (verbal e/ou não verbal) que primeiramente reconhecemos o enunciado, e é para ela que voltamos quando analisamos as estratégias linguístico-discursivas utilizadas pelo autor para efetivar seu propósito enunciativo. Nesse sentido, é necessário que se estabeleça uma relação de diálogo, de ir e vir (e também devir) entre as manifestações da linguagem e sua inserção num contexto extraverbal.

Esse movimento de constante retorno ao extraverbal é necessário, pois, segundo Voloshinov e Bakhtin (1926), “é esta mesmíssima ‘alma social’ do discurso verbal que o torna belo ou feio, isto é, que lhe dá também significado” (VOLOSHINOV; BAKHTIN, 1926, p. 13, grifos dos autores). Assim, é essa “essência sociológica” que faz com que os enunciados tenham vida, pois é ela que garante se este poderá ser “verdadeiro ou falso, banal ou distinto, necessário ou desnecessário” (VOLOSHINOV; BAKHTIN, 1926, p. 13).

Outro conceito bakhtiniano que merece destaque numa PAL dialógica é o de axiologia. Polato (2017) propôs um estatuto dialógico para a PAL, no qual postula que essa prática mira na compreensão do discurso, partindo de uma “abordagem valorativa da língua(gem)” e visa:

[...] que os sujeitos-alunos participantes da organização social alcancem a **compreensão da configuração axiológica das situações sócio-históricas e ideológicas amplas e imediatas de interação**, em uma abordagem especialmente interessada no evento de interlocução demarcada, lugar onde o uso da língua ultrapassa domínios cognitivos, por estar circunscrito à especificidade das relações sociais constituídas, nas quais se funda a enunciação (POLATO, 2017, p. 195-196, grifos nossos).

Dessa forma, a autora afirma que a PAL que se propõe deve ser um meio para que os sujeitos saibam interagir com os enunciados, de forma a mobilizar os discursos presentes neles e de compreender o que esses discursos representam na sociedade (quais valores os permeiam). Além disso, busca-se que o aluno passe a ocupar o lugar social de sujeito-autor que interage em sociedade por meio da língua(gem), veiculando discursos, valores e avaliações sociais. Assim como a pesquisadora, acreditamos que uma “abordagem valorativa da língua(gem)” é, de fato, uma abordagem que pode garantir que a PAL proporcione estudo e reflexão não apenas da linguagem, mas dos discursos materializados nos enunciados.

No estudo da linguagem, é necessário criar condições para que o aluno compreenda que agimos com a língua, de forma a efetivar nossos propósitos enunciativo-discursivos, por meio dos quais expressamos nosso estilo e valoração, que, por vezes, acreditamos ser apenas “nossos” e homogêneos. Porém, além de nossos, se constituem, também, nos discursos externos, diversos, abertos e heterogêneos que penetram as ênfases apreciativas que colocamos na linguagem. Logo, não existe só um discurso, ou alguns discursos certos/bons/positivos, mas que existem diversos discursos imbricados, os quais são sócio-valorados de forma positiva ou negativa em relação à avaliação comum da comunidade/grupo social em que os interlocutores se inserem.

Com relação ao conceito de gênero do discurso, depreendemos que na PAL ele deve ser abordado nos dois movimentos: tanto considerando o gênero discursivo em si, e suas forças internas, que puxam para uma estabilidade composicional, quanto considerando as forças externas, sociais, ideológicas e culturais, que demarcam sua instabilidade, já que originadas de contextos e sujeitos múltiplos e heterogêneos. Portanto, abordar os gêneros do discurso na PAL é destacar as forças centrípetas e centrífugas que atuam (na relação do extraverbal com o linguístico/semiótico), por meio deles, para a constituição dos discursos.

Além dessas forças, numa PAL dialógica é essencial que se situem os gêneros na sua esfera de criação ideológica/campo de atividade humana. Os campos, de acordo com sua lógica interna, exercem determinadas coerções sobre seus respectivos gêneros. Alguns aspectos dos textos-enunciados são organizados não por uma escolha do enunciador, ou por regularidade do gênero, mas por coerções do campo em que o gênero se insere e essa consciência, para o aluno, é importante, pois “cada campo da criação ideológica possui seu próprio modo de se orientar na realidade, e a refrata a seu modo” (VOLÓCHINOV, 2017[1929], p. 94).

Além da importância do gênero, Polato e Menegassi (2017) destacam, também, que numa PAL dialógica, que parta de uma abordagem valorativa da língua(gem), é preciso considerar que os valores são a todo tempo refletidos e refratados nos signos materializados nos enunciados. Para os autores, isso significa que “diferentes meios podem distorcer a percepção e, no caso da língua, a apreensão do valor do signo, que não é fixo, mas plurivalente” e, ainda, que os signos “acumulam índices de valor ao longo de sua existência – refratam [...], sendo objeto de luta entre sentidos atuais, passados” (POLATO; MENEGASSI, 2017, p. 18 e 20). Desse modo, quando usamos os signos, estamos a todo momento operando com reflexões e refrações que implicam ênfases valorativas específicas/diferentes e que precisam ser destacadas na PAL dialógica.

Os autores defendem, ainda, que ao se trabalhar com atividades de reflexão sobre a língua(gem) em sala de aula, é preciso atentar para os blocos de juízo de valor que são construídos nos textos na relação entre o contexto extraverbal e com determinadas escolhas lexicais e sintáticas, as quais, muitas vezes, não emergem nas materialidades linguísticas; precisam ser abordadas em face ao extralinguístico. Por esse motivo, para os autores, esses blocos de juízo de valor não são alcançados apenas por uma análise gramatical do texto, mas, sim, por uma análise que considere o aspecto estilístico – apontado por Bakhtin (2013[1997]) – das enunciações:

qualquer aspecto gramatical circunscrito à palavra deve ser analisado também como estilístico, ou socialmente expressivo [...], **porque é vivo e tem valor assentado no diálogo social e interior do homem**, sendo, portanto, passível de ser reconhecido, compartilhado entre interlocutores específicos em situações únicas de interação (POLATO; MENEGASSI, 2017, p. 24-25, grifo nosso).

Os autores apontam, desse modo, para um aspecto que acreditamos ser central na PAL de base dialógica: a relação entre gramática e estilo. Para eles, o aspecto estilístico vai residir no que é vivo e que tem relação com os diálogos sociais que os interlocutores estabelecem ao longo da vida. Enquanto os aspectos gramaticais apontam para categorias de estudo da estrutura da língua, o aspecto estilístico aponta para o estudo da parte viva dos enunciados, a parte que, mesmo sendo elaborada por meio de determinadas estruturas, busca construir sentido(s) pelo atravessamento do contexto social e o faz de acordo com a *endereçabilidade* (interlocutores) e *expressividade* (valores e entonações) (BAKHTIN, 2016[1979]) própria de cada enunciado e situação interativa.

Compreendemos, então, que trabalhar com a PAL de base dialógica no ensino de LP é propiciar situações de estudo de modo que os alunos entendam que gramática e estilo são conceitos imbricados, porém, distintos, que têm sua respectiva importância em determinados momentos do estudo dos textos-enunciados. É por meio do estilo que as ideologias e valorações se despontam no texto-enunciado, entremetidas aos recursos gramaticais e/ou subentendidas a eles, em uma relação orgânica com o gênero, com o campo de atividade humana, com as marcas linguísticas/semióticas do texto. O estilo, mesmo que afetado pelo gênero, pode ser compreendido como um lugar privilegiado para que as valorações, as entonações sejam reveladas.

Bakhtin (2013[1997]), na obra *Questões de estilística no ensino da Língua*⁶, aborda a relação gramática-estilo em sala de aula e nos traz exemplos de como fazê-lo, por meio de sua atuação docente como professor da língua russa, no período de 1942 a 1945. Nessa obra, é possível ver o filósofo ocupando o papel social de professor e agindo embasado em uma concepção dialógica de linguagem, sustentando os estudos sobre a língua na compreensão de interação, enunciado e autoria, próprias de suas reflexões teóricas, presentes em outras obras do Círculo. Didaticamente, o Professor Bakhtin busca promover a reflexão dos alunos sobre determinadas estruturas sintáticas, de modo que percebam como estudo de base estilística pode tirar o uso da língua(gem) do automatismo e situá-lo em um contexto mais vivo e criativo, isto é, nas produções escritas de seus alunos. Segundo Bakhtin (2013[1997]), a vivacidade de uso da língua(gem) é perdida no momento em que esses estudantes passam a ter suas produções reguladas por normas gramaticais.

Ao analisarmos a prática pedagógica de Bakhtin, é perceptível sua ênfase no conceito de estilo de forma particular. Isso se dá pelo fato de que Bakhtin tinha um modo sociológico de conceber a Estilística. Para ele, esta deveria contemplar um estudo que fosse além da linguística da época; que considerasse o discurso como ponto de encontro entre as vozes sociais e suas relações dialógicas materializadas no âmbito linguístico por meio do estilo. Nessa perspectiva, o estilo é compreendido pelo autor como uma escolha entre formas linguísticas que requer, para seu agenciamento, a consideração das relações dialógicas e as orientações apreciativas presentes/possíveis no extraverbal,

[...] quando o falante ou o escritor tem a possibilidade de escolher entre duas ou mais formas sintáticas igualmente corretas do ponto de vista gramatical. Nesses casos, a escolha é determinada não pela gramática, mas por considerações puramente estilísticas, isto é, pela eficácia representacional e expressiva dessas formas (BAKHTIN, 2013[1997], p. 25).

A partir disso, entendemos que o estilo possibilita que o locutor se coloque no discurso como autor, pois, por meio de suas escolhas ficam perceptíveis os aspectos expressivos e vivos de seu discurso, que o ligam aos contextos de uso da língua(gem) e que possibilitam refrações e ressignificações de outros discursos. Conforme afirma Bakhtin (2002[1975]), é nesse processo de interação que “o discurso pode individualizar-se e elaborar-se estilisticamente” (BAKHTIN, 2002[1975], p. 86), embora não se esgote na autenticidade do sujeito. O autor, por meio de um processo de reflexão durante suas aulas, ajuda a desenvolver, não só um processo de leitura mais crítico, como também produções de texto mais autorais, expressivos e criativos, nas quais o aluno ocupa o papel social de autor, de locutor que escreve para interlocutores reais (como também apontado por GERALDI, 1991).

Desse modo, evocamos a prática pedagógica de Bakhtin (2013[1997]) e sua forma de conceber o estilo, com o intuito de ressaltar o que se propõe com uma PAL de base dialógica: uma prática de ensino que, por meio de reflexões estilístico-discursivas, pode trazer maior consciência para os alunos das escolhas que fazem em seus textos-enunciados. Mais uma vez, apresentamos uma

6 O livro é uma compilação de um Plano de Aula e de um artigo de Bakhtin sobre sua atuação em sala. Tal compilação foi feita em russo por Serguei Botcharov e Liudmila Gogotichvíli, que a intitularam *Questões de estilística no ensino da língua russa no ensino médio*, da qual a versão brasileira é tradução direta, feita por Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo.

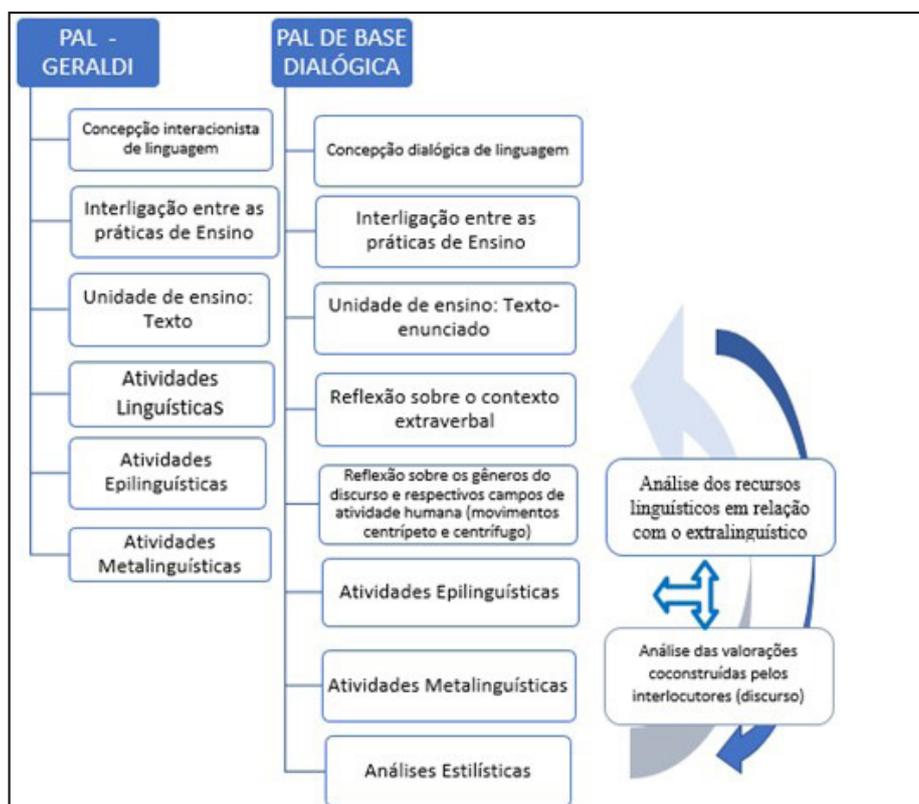
soma de duas forças, forças internas da estrutura da língua e forças externas do contexto vivo. No estudo dessa tensão de forças sócio-ideológicas, buscamos promover a compreensão de como os discursos são construídos nas relações dialógicas, de sentido e de valor.

Diante de tais considerações, acreditamos que a PAL de base dialógica precisa contemplar:

- a) o estudo do *contexto extraverbal* dos enunciados;
- b) uma *abordagem valorativa da língua*, considerando que os usos linguísticos são eivados de valorações e entonações expressivas;
- c) a compreensão de que os signos *refletem e refratam sócio-ideologicamente valores e discursos* de acordo com *forças centrípetas e centrífugas*;
- d) o entendimento de que nos textos existem *blocos de juízos de valor* agenciados pelos recursos discursivos, estilísticos e linguísticos;
- e) a compreensão de que *a língua e os gêneros do discurso precisam ser abordados considerando sua orientação interna e externa* nas interações, bem como sua inserção em um *campo da atividade humana*;
- f) as necessárias *análises estilísticas e discursivas* dos enunciados.

Diante de tal compreensão da PAL, buscamos ilustrar, na Figura 2, as principais diferenças entre a proposta de PAL de Geraldi (1984, 1991) e a configuração dialógica que propomos para essa prática nesta seção:

Figura 2 – Diferenças entre a PAL geraldiana e a PAL de base dialógica



Fonte: Elaborado pelas autoras

Ao observar a figura, percebe-se que buscamos, portanto, estabelecer um diálogo entre PAL concebida por Geraldi (1984, 1991) – apresentando as principais bases que o autor elucidou nos anos de 1980/1990 para essa prática – e a PAL de base dialógica, calcada na teoria do Círculo de Bakhtin, considerando que com a PAL dialógica podemos ampliar significativamente a PAL geraldiana, de modo a ressignificar essa prática de linguagem por meio de reflexões mais atuais.

Considerações finais

No intento de responder às perguntas motivadoras desse artigo – Como ressignificar uma orientação teórico-metodológica de PAL, sustentando-a em uma base dialógica? Como o método sociológico de Volóchinov (2017[1929]) pode contribuir na constituição dessa PAL? – percorremos um caminho de reflexão de cunho teórico, metodológico e didático, visto que nosso objetivo foi aliar uma teoria russa do início século XX, com uma prática de ensino de LP que foi proposta no Brasil a partir dos anos de 1980 e que tem se perpetuado até os dias atuais.

Desse modo, conforme procuramos ilustrar na Figura 2, acreditamos que uma PAL de base dialógica se ancora em alguns tópicos centrais depreendidos das obras *O texto na sala de aula* (GERALDI, 1984) e *Portos de Passagem* (GERALDI, 1991), como, por exemplo, o assentamento da proposta na *concepção interacionista de linguagem*, a qual vê a língua(gem) como forma de interação (GERALDI, 1984, p. 43). E por esse viés interacionista, a PAL tem a necessidade de ser desenvolvida em relação com outras práticas de linguagem como oralidade, leitura e produção textual. Além disso, consideramos que sua proposta inicial é basilar para a compreensão do *texto como unidade de ensino*, reconhecendo-o como ponto de partida que perpassa o processo de ensino e aprendizagem de LP, até ser ponto de chegada de todas as interações com a linguagem. E, a partir de atividades linguísticas (textos-enunciados), desenvolvem-se atividades epilinguísticas e metalinguísticas.

Logo, a PAL de base dialógica que buscamos ressignificar, toma todos esses tópicos como pressuposto e procura ampliá-los a partir da ótica dos estudos do Círculo. Assim, o que Geraldi propôs é, nesse artigo, refratado, ressignificado e ampliado, usando nomenclaturas e conceitos próprios da teoria bakhtiniana. Portanto, a PAL de base dialógica não só é calcada em uma compreensão interacionista linguagem, mas em uma *concepção dialógica*, que engloba os pressupostos do Dialogismo e entende que a interação é condição vital para toda e qualquer prática de linguagem.

Além de manter a relação entre as práticas de uso da linguagem (oralidade, leitura e produção textual), adota-se o *texto-enunciado como unidade de ensino* de LP, compreendendo-o como lugar onde as interações discursivas (escritas, orais, verbo-visuais, multissemióticas) se configuram a partir de um projeto/necessidade de dizer. Assim, não se pensa numa PAL destinada apenas a textos escritos, como focado nas obras de Geraldi dos anos 1980 e 1990. Considerando a época em que vivemos, os estudos do Círculo e os estudos atuais sobre a linguagem em face ao avanço da tecnologia, entendemos que a reflexão sobre as estratégias de dizer precisa romper com os limites do verbal e atingir o âmbito multissemiótico do enunciado e das enunciações.

Para tanto, é preciso, em sala de aula, promover uma *reflexão sobre o contexto extraverbal* dos enunciados, isto é, a parte que tem a ver com o uso da linguagem em contextos definidos, situados social e historicamente, envolvendo interlocutores reais e necessidades de interação. É só considerando essa parte extraverbal que podemos estudar os *gêneros do discurso* em face ao campo de atividade humana, ou à esfera ideológica em que estão inseridos. Entendemos, também, que a linguagem é usada em um Cronotopo específico e por interlocutores engajados socialmente de forma diversa. Em face a tais aspectos, é necessário levar o aluno a entender que os gêneros são movidos por *forças centrípetas* que buscam uma estabilidade pela repetição das condições extraverbais dos enunciados e, ao mesmo tempo, por *forças centrífugas* que buscam a inovação, a diferença e a flexibilidade, pois os interlocutores são múltiplos e o cronotopo sempre se modifica.

Na PAL de base dialógica, essa compreensão da dimensão extraverbal do gênero do discurso perpassa a reflexão sobre a linguagem e abarca suas dimensões verbo-visuais exploradas em atividades epilinguísticas e metalinguísticas que devem estar em constante movimento dialógico. Isso implica que a *análise dos recursos linguísticos/semióticos deve ser feita a todo tempo em diálogo com os aspectos extraverbais*, o que ocorre por meio de *análises estilísticas*. É somente na interconexão dessas análises que as *valorações co-construídas pelos interlocutores* serão interpretadas e vistas como *discursos*, carregados de entonações e *avaliações ideológicas*.

Referências

ACOSTA PEREIRA, Rodrigo. A prática de análise linguística mediada pelos gêneros do discurso: matizes sócio-históricos. **Letrônica**, v. 06, p. 494-520, 2013.

ACOSTA PEREIRA, Rodrigo. A orientação sociológica para a análise da língua: posições metodológicas nos escritos do Círculo de Bakhtin. **Letra Magna**, v. 12, p. 01-20, 2016.

ACOSTA PEREIRA, Rodrigo. A prática de análise linguística nas aulas de Língua Portuguesa: por uma ancoragem dialógica. **Revlet** - Revista Virtual de Letras, v. 10, n. 01, p. 182-200, jan/jul 2018.

ACOSTA PEREIRA, Rodrigo; COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição. Sobre a análise da língua: considerações em Bakhtin e Volochínov. In: ACOSTA PEREIRA, Rodrigo; COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição. **Prática de análise linguística nas aulas de Língua Portuguesa**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021a. p. 109-132

ACOSTA PEREIRA, Rodrigo; COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição. Práticas de linguagem na escola sob uma perspectiva dialógica. In: BELOTI, Adriana; POLATO, Adriana Mendes; BRITO, Pedro Augusto Pereira. (orgs.). **Dialogismo e ensino de línguas: reflexos e refrações na práxis**. Campo Mourão, PR: Editora Fecilcam, 2021b. p. 8-27.

COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição. Prática de Análise Linguística no Ensino Fundamental e sua relação com os gêneros discursivos. **PERcursos Linguísticos**. Vitória (ES), v 7, n. 14 p. 270-294, 2017.

BAKHTIN, Mikhail. (1975). **Questões de Literatura e de Estética**: a teoria do romance. Tradução do russo por Aurora Fornoni Bernardini et al. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

BAKHTIN, Mikhail.(1929). **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução de Paulo Bezerra. 5.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

BAKHTIN, Mikhail.(1997). **Questões de estilística no ensino de língua**. Tradução, posfácio e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2013.

BAKHTIN, Mikhail. (1979). **Os gêneros do discurso**. Organização e tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.

BRAIT, Elizabeth. Olhar e ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica. **Bakhtiniana**. São Paulo (SP), 8 (2): 43-66, Jul./Dez, 2013. Disponível em:<https://revistas.pucsp.br/bakhtiniana/article/view/16568/12909> Acesso em: 12/04/19.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Língua Portuguesa. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1998.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**: educação é a base. Brasília: Ministério da Educação, 2018.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & Diálogo**: as ideias do Círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola, 2009.

FENILLI, Lays Maynara Favero. **Trilhando caminhos para uma prática de análise linguística de base dialógica**: uma proposta de elaboração didática a partir do gênero tira. 2020. 159p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Cascavel.

FRANCHI, Carlos. (1988). Gramática e Criatividade. In: FRANCHI, Carlos. **Mas o que é mesmo “gramática”?** São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 34-101.

FRANCO, Neil; ACOSTA PEREIRA, Rodrigo; COSTA-HÜBES, Terezinha da C. Por uma análise dialógica do discurso. In.: GARCIA, Dantielli Assumpção; SOAREAS, Alexandre S. Ferrari. **De 1969 a 2019**: um percurso da/na Análise do Discurso. Campinas-SP: Pontes, 2019. p.275-301

GERALDI, João Wanderley. **O texto na sala de aula**: Leitura & Produção. Cascavel-PR: Assoeste, 1984.

GERALDI, João Wanderley. **Portos de Passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

MOITA LOPES, Luis Paulo da (org.). **Por uma linguística aplicada INdisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

OHUSCHI, Márcia Cristina Greco; MENEGASSI, Renilson José. Proposta teórico-metodológica de análise linguística em perspectiva dialógica ao trabalho com o pronome. *In*: ACOSTA PEREIRA, Rodrigo; COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição. **Prática de análise linguística nas aulas de Língua Portuguesa**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. p. 419-452.

PARANÁ. Secretária de Estado da Educação; Superintendência de Educação; Departamento de Ensino de Primeiro Grau. **Currículo Básico para a Escola Pública do Estado do Paraná**. Curitiba: SEED, 1990.

PARANÁ. Secretária de Estado da Educação. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica do Paraná: Língua Portuguesa**. Curitiba, SEED: 2008.

POLATO, Adriana Delmira Mendes. **Análise Linguística: do estado da arte ao estatuto dialógico**. 228 p. Tese (Doutorado em Letras), Universidade Estadual de Maringá - UEM. Maringá, 2017.

POLATO, Adriana Delmira; MENEGASSI, Renilson José. Refratar e refletir: Relações sociais e língua em práticas de análise linguística. *In*: FERNANDES, Eliane Marquez da Fonseca (org.). **Gêneros do discurso: Refletir e Refratar com Bakhtin**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017, p. 13-44.

SANTOS-CLERISI, Gabriela Debas dos. **A prática de análise linguística nas aulas de língua portuguesa: por uma abordagem enunciativo-discursiva de base dialógica**. 170 p. Dissertação (Mestrado), UFSC. Florianópolis, 2017.

VOLOCHINOV, Valentin; BAKHTIN, Mikhail. **Discurso na Vida e Discurso na Arte** (sobre a poética sociológica). Tradução de Carlos Alberto Faraco & Cristóvão Tezza [para fins didáticos]. Versão da língua inglesa de I. R. Titunik a partir do original russo, 1926.

VOLOCHINOV, Valentin. (1929). **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução de Sheila Grillo e Ekatarina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.